

OFÍCIO LITERÁRIO

PARA GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ

*“A última coisa que se encontra ao escrever
uma obra é aquilo que há de figurar no princípio”*

Pascal

Por Reynaldo Bessa

Como se começa um livro? Pelo começo. Mais ou menos. Em sua Crônica de uma morte anunciada, Gabriel Garcia Márquez começou pelo fim. Ou seja, de cara contou o que a maioria dos autores deixa para o final, porém, como todo grande escritor, arranjou uma maneira de manter a isca dramática presa ao anzol, deixando o leitor interessado até o final-começo. Edgar Allan Poe, em sua A Filosofia da Composição, afirma que começou o seu célebre poema, O Corvo, pelo final, e disse ainda que toda grande Obra deve mesmo ser iniciada pelo fim: começar trabalhando-a pelo final e depois arranjar um começo para ela. Entende? Seria o mesmo que imaginar um navio chegando ao porto: o anseio dos que o esperam, o desembarque, os abraços, o choro compulsivo e a alegria do reencontro, o apito anunciando que a viagem terminou. Terminou? Não, agora é preciso pensar em como essa viagem começou e todo o seu desenrolar... Assim nos aconselha Poe.

Sobre essa coisa de sentar-se diante do computador, de uma máquina, ou mesmo do empunhar uma caneta - seja lá qual for o seu jeito de escrever um texto - existe um filme, uma comédia, com

Crystal e DeVito. Chama-se: “Jogue a mamãe do trem”. Logo no início do filme - o trecho mais engraçado, a meu ver - mostra exatamente esse momento da angústia da folha em branco: Billy Crystal é um escritor estabelecido e tenta começar a sua nova obra, mas não passa da primeira linha. Escreve, rasga, rasga, escreve. De repente tem um vislumbre e ergue os dedos na intenção de castigar a sua remington, mas desanima, pois logo ao sentar-se, tudo se esvai feito bolinhas de sabão. Nisso ele gira pela casa, rói as unhas, coça a cabeça, urra, se contorce, pensa, repensa, sussurra. De repente abre um sorriso iluminado, corre para a máquina como quem procura um remédio para dor, porém, logo ao sentar-se diante da companheira, tudo se esvai novamente. Imaginar é uma coisa, pôr o imaginado no papel é outra completamente diferente. A sensação de que não seremos capazes de traduzir exatamente o que concebemos, nos seus mínimos detalhes, nos morde feito cão raivoso. Mas nem só de dor vive o homem. Quando encontramos a ideia certa, a sentença exata, a palavra precisa, ou algo muito próximo do que imaginamos então, a rosa desabrocha suas belas, grandes e generosas pétalas... Uma a uma, como numa dança de recompensa... E aí a coisa vai e vai... E não se quer mais parar.

Começar bem um texto é dar ideia de que aquilo que está por vir pode ser igualmente bom, ou ainda melhor, e isso desperta a curiosidade e a expectativa do leitor. Um livro que começa mediocrementemente é bem provável que termine do mesmo jeito ou ainda pior. A primeira fisgada, se bem construída, torna interessante até o tema mais corriqueiro.

Por isso, saiba escolher o tom. Este deverá permear todo o resto do texto. A maioria dos especialistas afirma que o primeiro parágrafo

do romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov é um exemplo disso:

“Lolita, luz de minha vida, labareda em minha carne, Minha alma, minha lama. Lo-li-ta: a ponta da língua descendo em três saltos pelo céu da boca para tropeçar de leve, no terceiro, contra os dentes. Lo-li-ta”.

A fissura do autor, em primeira pessoa, pela sensualidade da enteada adolescente já está contida no tom nas primeiras frases do texto.

Não coloque todas as cartas na mesa. Vá dizendo sem dizer. Crie expectativas, vá enredando, envolvendo. Comece bem, mas não perca a mão. Lembre-se: o tom. Albert Camus utilizou-se disso ao iniciar o seu célebre livro: “O estrangeiro”

“Hoje mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei”

A indiferença do narrador é logo apresentada, e com pouquíssimos elementos verbais, porém sem esgotar o que está por vir, e já contendo o embrião do que o leitor encontrará.

Ao mesmo tempo em que você deve criar expectativas, também pode e deve contrariá-las. Iniciar de forma surpreendente é mais uma maneira de prender o leitor ao mesmo tempo em que lhe passa informações. Isso quebra a expectativa. Há um indício disso num capítulo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

“Marcela amou-me por quinze meses e onze contos de réis”

A ideia sobre a pessoa nos foi dada no contraste entre tempo e valor em uma só linha, sem a necessidade de uma descrição minuciosa. Isso seria muito chato.

Outro recurso ousado é contrariar o senso comum ou os conceitos dominantes (a *Dóxa*). Nas primeiras linhas de *Anna Karenina*, de Tolstói, a ideia dominante da sociedade da época é contrariada

pelo paralelo inesperado.

“Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”.

Enfim, existem mil maneiras de preparar Neston, perdão, de experimentar o exercício de como se pode começar um texto de maneira atrativa. Invente uma. A grande literatura está permeada, não só de belos parágrafos iniciais, como até mesmo de uma única linha no estilo execução sumária. Uma linhazinha apenas e tudo já está ali. Em *O Iluminado*, Stephen King usou uma coisa assim:

“Jack Torrence pensou : cretino!”

A primeira frase pode pegar o leitor pelo braço e conduzi-lo.

Kafka também foi mestre nisso, e o seu clássico, “*A metamorfose*” é um exemplo concreto do ofício dessa arte.

Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.

O que virá depois disso? Pergunta-se o leitor concentrando-se ainda mais no livro.

Gabriel Garcia Márquez não só falava com conhecimento de causa sobre o assunto, provava: Primeiro parágrafo de *Crônica de uma morte anunciada*:

No dia em que o matariam, Santiago Nasar levantou-se às 5h30m da manhã para esperar o navio em que chegava o bispo.

Sou leitor desde muito cedo. Sempre que encontrava um grande livro, quando descobria um grande autor, sentia-me como alguém que acabara de entrar num lugar sagrado, secreto. Pensava ter achado algo que iria me salvar de todo o mal e de todo o bem também. Ainda vejo-me zanzando pelas ruas, em solilóquios desesperados, febris, sem-

pre e sempre com algum livro debaixo do braço. Eu queria escrever, e achava que podia. Mas a juventude é o momento dos excessos deliciosos, dos desafios desenfreados, do posso-que-posso. Nessa época meu pai me perguntava com ares de inquisidor: “Enfim, o que você vai ser?”. E eu, sem titubear, sem medo da fogueira, enchia a minha boca com a palavra: “Escritor”, sem ter ainda a menor noção do que poderia ser isso. Quando enfim, achei que poderia, li uma entrevista do Garcia Márquez dizendo que já no primeiro parágrafo quase tudo deve ser definido do futuro texto. Tuuuudo: estrutura, tom, estilo, ritmo, longitude, e até o caráter de um personagem. Isso, de certa forma, me bloqueou porque eu não entendi nada do que ele queria dizer. Ora, eu ainda não conhecia bem esse universo, e Gabo já era um autor estabelecido, vivenciando dia a dia o ofício da escrita. Escrevendo e rasgando e rasgando há tempos, enquanto eu era apenas um adolescente apaixonado pela grande ficção. Eu era só um leitor voraz querendo escrever. Como assim, tudo definido no começo do texto? Perguntava-me. Só tempos depois pude entender. Plimmm. Ahhhhh... Então é isso? Ahhh... Gabo queria dizer que pra saber terminar um texto, desenvolvê-lo, não errar a mão, seguir em frente é preciso principalmente saber começar. Uma coisa tá ligada à outra. Tudo está interligado. Se algo desanda, todo o resto também soçobra. E se isso acontece, pode ser preciso começar de novo por outro caminho ou até mesmo jogar o texto tão querido no lixo e pensar em outro.

Crônica de uma morte anunciada me fez repensar o meu modo de escrever. Foi aí que comecei a tentar subverter essa coisa de começo, meio e fim. Passei a querer embaralhá-los, confundi-los. Foi aí que comecei a buscar outras possibilidades para meus textos. Depois disso mantive o autor em minha alma, mas tirei o manto pesado da

sua influência das minhas costas. Fui atrás dos meus próprios começos.

Cabe ao leitor-escritor fuçar, procurar, ler, descobrir, redescobrir, experimentar, escrever, reescrever e principalmente rasgar muito. Um escritor é mais apreciado pelo que rasga do que pelo que publica. Ter consciência disso tudo já é um bom começo.

REYNALDO BESSA (SÃO PAULO/RIO GRANDE DO NORTE) – Escritor e músico. É autor de vários livros e discos. Entre os livros, destaque para Outros Barulhos (Poemas, Prêmio Jabuti em 2009) e, entre os discos, destaque para O Som da Cabeça do Elefante.